



«Extraordinário.
Uma história
excepcionalmente
original.»
The Sunday Times

A ÁRVORE DA DANÇA

KIRAN
MILLWOOD
HARGRAVE

TOP
SELER

Autora bestseller do *Sunday Times*

Nenhuma a dançar

Ela ouviu dizer que havia pão na praça. É possível que seja mentira, ou que os pães tenham tanta moléstia que não sejam comestíveis, mas *Frau Troffea* não quer saber. A esperança alimenta-a tanto quanto qualquer coisa que lhe tenha passado pela garganta nos últimos meses. Foi colher cogumelos com os outros e dispôs armadilhas nas florestas para esfolar lebres, como os *tsiganos*¹. Nada. Até os animais estão esfomeados depois do Inverno de Fome, neste verão abrasador. Ela trouxe para casa um pássaro caído do ninho e cozinhou-o diretamente nas brasas da lareira, mastigou-lhe os ossos moles e quebradiços, arranhando as gengivas até a boca lhe saber a ferro e a sal.

O marido não imagina o sofrimento dela, nunca pareceu saber o que é passar fome. Está a ficar robusto, os músculos fazem lembrar cordas enroladas nos braços. Porém, ela sente-a dentro de si qual criança, a crescer, a sugá-la e a inchar-lhe a barriga, até ela ficar cheia de cólicas por carregar o peso desse vazio devorador.

Começou a mastigar pedaços de couro. Começou a sugar as pontas do próprio cabelo e a contemplar os cães vadios com um

¹ Cigano, em especial, originário da Hungria. [N. T.]

olhar novo. Começou a ver luzes brancas diante dos olhos. Ultimamente, consegue mexê-las com o dedo.

Porém, *Frau Troffea* ainda não perdeu o juízo e, atravessando a cidade a cambalear, traça um plano. Se o pão estiver queimado, poderá mergulhá-lo no rio até amolecer. Se estiver bolorento, talvez ninguém lhe tenha tocado. Se não houver pão, ou se já o tiverem levado, poderá enfiar pedras nos bolsos e entrar na água, como já tinham feito outras pessoas. Foram vistas mulheres a atirarem os bebês para a água para poderem alimentar os outros filhos. Ela teria feito o mesmo se os seus filhos tivessem vivido para lá da infância. O filho que sobreviveu há muito que foi enforcado por traição. Samuel, um de entre centenas de pessoas sentenciadas no lugar de Joss Fritz, o seu líder, o qual, após cada tentativa de revolta, se dissipa na Floresta Negra como neve.

As esmolarias estão a transbordar, os cemitérios também. O fim do mundo está próximo, apregoam-no desde as ruas às igrejas. Geiler, o Pregador da Catedral de Estrasburgo, morreu há oito anos, mas as palavras dele estão pintadas nas paredes, ecoam dos púlpitos da catedral: «Não há ninguém de entre nós que possa ser salvo.» O cometa que arrastou a sua cauda incandescente sobre o virar do século, condenando-os, há muito que foi içado da cratera e colocado num altar, mas tarde demais.

Ela reza enquanto caminha, embora o seu terço tenha desaparecido há muito, estalando as contas de barro entre os seus dentes, como ossos de pássaro.

Frau Troffea gira um fio de luz entre os dedos, macio como lã de ovelha. A transpiração escorre-lhe sobre o lábio superior e pelas costas, ensopa-lhe o tecido fétido do vestido. O sol queimou-lhe as plantas dos pés, pois adormeceu à porta de uma taberna a meio do dia. A bebida — é novidade para ela e algo que eles mal podem comprar, mas o trigo estragado serve para fazer cerveja —, só por si, é abundante. O marido não a procurou a noite inteira. Os pés dela raspam nas pedras da calçada e é agradável tornar a senti-las, as bolhas dando lugar à pele nova.

O seu caminho leva-a através do mercado de cavalos, construído quando Estrasburgo tinha um centro diferente, pelo que o mercado ficava na periferia. Agora, há queixas da catedral por causa do cheiro, mas *Frau Troffea* gosta do odor: acre e intenso o suficiente para lhe revestir a língua. Ela abre a boca, enche os pulmões.

Esta cidade cresceu qual criatura desajeitada. Na sua juventude, engordou com tanta riqueza, pelo que as pulgas não tardaram a aparecer. O comércio há muito que diminuiu, mas continuam a ver-se caras novas todos os dias, rostos sombrios aqui e ali, como se os demónios já tivessem chegado, enchendo o hospital com a sua imundície. O Sacro Império Romano está em plena batalha contra os turcos otomanos, envolvido numa luta pelas próprias almas. Ela não sabe ler, mas sabe que há folhetos sobre eles, os turcos que ameaçam o império deles, os lares deles. São o inimigo, mas aparecem na mesma, alegando estar a fugir das mesmas hordas que lutam por eles.

Frau Troffea está atenta a tais mentiras.

Passa os dias alerta, vê-as inclusivamente na igreja, ainda que aí o incenso sagrado arda em tal quantidade que chega a retesar o maxilar. Todas as noites inspeciona o próprio corpo, à procura de picadas e de sinais de incubo, deparando-se apenas com os ossos cada vez mais duros sob a pele que se lhe derrete.

A praça do mercado está sem energia e oscila diante dela. Ela perscruta as bancas fechadas, o chão de terra, as grelhas entupidas com imundície seca do calor. Sente o odor a doce e a merda da sua cidade, sob a torreira do maldito, implacável e abençoado Sol. Enquanto procura, tem a cabeça cheia desses odores, as mãos a vasculhar a terra, mãos cheias de porcaria. Murmura uma oração qual feitiço, como se Deus fosse largar pães do céu. Porém, nada cai à exceção do calor nas costas dela, na barriga das pernas, nas plantas dos pés queimadas, e, mais uma vez, ela pergunta-se por que motivo o marido ainda não veio à sua procura.

Está a chorar, mas não sente vergonha. Os tentáculos de luz rodeiam-na como moscas, celestiais e foliões, emaranhando-a

nos seus fiapos macios e techedura. As mãos dela estão cheias de terra e de excrementos, as unhas dão-lhe comichão e apetece-lhe arrancá-las.

A luz faz-lhe cócegas por baixo do queixo.

Frau Trofêa inclina a cabeça para trás e olha para o Sol, até os olhos se lhe encherem de branco. A luz rodopia à sua volta como uma nuvem, soprando-a qual vela fustigada pelo vento. Ela levanta um pé e depois o outro. As ancas baloiçam-lhe. Ela abre ligeiramente os lábios, em êxtase.

Sob o céu azul e ardente, *Frau Trofêa* ergue as mãos ao alto e começa a dançar.

Um

Lisbet arqueia o pé, apoia-o na estrutura de madeira da cama até lhe passar a cãibra. Tem os olhos colados de sono: esfrega-os para o afugentar. Podia ficar deitada mais uma hora nessa calmaria da alvorada, mas o tempo é precioso e limitado. Hoje, Agnethe, a irmã de Henne, regressará das montanhas e tudo irá mudar.

Henne está deitado de costas para ela, a camisola interior de algodão dele ensopada até à transparência, a pele do pescoço rosada, o relevo de uma cicatriz em forma de estrela sob a linha do cabelo, no sítio onde um empírico lhe tirou um sinal que não parava de crescer. Ela vira a cabeça para observar a respiração dele. Podia pousar-lhe a mão entre as omoplatas, sentir a vibração da respiração dele a zunir como as colmeias — mas é impossível, a distância é demasiada. No início, ela estava sempre a tocar-lhe: pousava as mãos na testa dele, tirava-lhe palhas do cabelo, dava-lhe beijos à socapa, nas costas da mãe. Agora, essas demonstrações de carinho pertencem ao passado.

Os seus dedos dos pés tornam a encolher-se e ela levanta-se a custo, com um sibilo. Há muito que afastaram o lençol, transpiram diretamente na palha como cavalos, e ela sente um fio de suor a escorrer-lhe pelas costas. Apetece-lhe despir a camisa

de noite, atravessar a floresta em direção ao rio e rebolar na lama como um porco.

Põe-se de pé e dirige-se para a janela. Algumas abelhas desenhavam um voo sonolento diante das portadas e ela pergunta-se se a reconhecerão sem as vestes de seda e de vime, se sentirão a transpiração dela adocicada pelo mel que elas lhe dão.

A própria luz parece compacta e espessa do calor. Agnethe regressará da penitência dela para um verão terrível. Não há uma brisa que agite as portadas de couro, nada se mexe a não ser as abelhas e a dor que ela sente na perna, a alastrar-se como espinhos a todo o seu comprimento. Ela prende o lábio entre os dentes e morde até doer, para desviar o foco da dor para aí. Dentro dela, a criança mexe-se e ela observa as sombras a moverem-se sob a camisa de noite como vairões. *Ainda aí estás? Ótimo.*

Junta as mãos sob o alto da barriga, agora demasiado grande para ser envolta no seu ponto mais largo. Faltam dois meses. Nunca chegou tão longe, nunca ficou tão grande. Com o polegar, acaricia a pele esticada, enquanto anda de um lado para o outro, até perder a sensação de estar a caminhar sobre estilhaços de vidro em brasa. Consegue dar oito voltas ao quarto antes de se ouvir o roçar do colchão.

— Lisbet?

Ela continua de um lado para o outro.

— Lisbet. Para com isso.

— Está calor.

Ela só consegue vislumbrar o brilho do olhar dele, os dentes quando ele fala.

— Queres uma cerveja?

— Não.

— Então deita-te. Descansa.

Ela range os dentes. Tentou fazer isso aquando das primeiras gravidezes, embora a mãe dele se opusesse, instigando-a a levantar-se e a mexer-se, antes de ter ficado confinada, para acelerar o processo e consolidar a gravidez. Henne rejeitou a vontade

da mãe na primeira e na segunda vez, pelo que Lisbet passou os dias finais deitada na cama, qual aristocrata, ou sentada à mesa da cozinha, enquanto ele tratava de tudo e a tranquilizava, dando-lhe a comer bolinhos de leite cobertos com mel que ele próprio espalhava com os dedos.

Na altura, estavam cheios de esperança, e, mesmo após a sexta tentativa, tinham ouvido falar sobre casos piores, por parte das mulheres na missa. Mas já se passaram cinco anos desde os bolinhos de leite e ela não tem nada com vida para mostrar.

Sophey culpa-a, Lisbet tem noção disso. Chama-lhe repetidamente desmazelada, embora Lisbet seja dedicada às abelhas, dizendo à nora que trabalhara sempre nos campos antes de dar à luz Heinrich e que mungira vacas antes de Agnethe.

«Por isso é que o Henne tem ombros fortes e a Agnethe braços fortes.»

Agnethe. Nethe. O nome é quase místico para Lisbet, tão místico como os braços fortes dela, ou o queixo que se diz ser igual ao do irmão. Em breve, Lisbet verá se tudo isso corresponde à verdade. Nos primeiros anos, as referências que Sophey e Henne faziam a Agnethe eram tão raras que eram facilmente esquecidas, e quaisquer perguntas que Lisbet colocasse eram igualmente postas de parte. Lisbet tivera sempre a sensação de ter entrado numa divisão que outra pessoa, alguém mais amada, acabara de deixar, como se Henne tivesse ido à procura de mulher para preencher o lugar à mesa que Agnethe tinha deixado vazio. Lisbet, a eterna mensageira: o seu nascimento por ocasião do cometa, a sua chegada logo após a partida de Agnethe, os seus sangramentos imediatamente antes da demência da mãe. Uma abelha embate na portada. Ela dá uma pancadinha em resposta.

Até Ida, que fizera Lisbet sentir-se bem-vinda desde o primeiro instante, não se aproxima dos limites da verdade sobre Agnethe, evitando quaisquer respostas além dos factos. «Tem estado num convento de freiras, no Mont Sainte-Odile, a cumprir penitência.»

«Mas vocês eram amigas», insistia Lisbet, com a sensação de estar a carregar numa nódoa negra, preparando-se para o ciúme que adviria de imaginar Ida a gostar de outra amiga da mesma maneira que gosta de Lisbet. «Com certeza sabes porque é que foi mandada para lá?»

Porém, Ida, não obstante os olhos grandes e a alegria infantil, é mestre a falar com ambiguidade, pelo que conduziu sempre Lisbet além desse tópico para o campo novo e mais agradável dos mexericos — a mais recente indiscrição de *Herr* Furmann, as dívidas de jogo de Sebastian Brant —, até Lisbet esquecer o interesse por esse tema e Agnethe voltar a ser apenas uma sombra atrás dela, cada vez menos vista.

Uma penitência de sete anos. Lisbet já tentou auscultar as profundidades de tal pena, pesar a sua gravidade específica. Pergunta-se como irão mudar as coisas, agora que haverá outra presença física na casa. Agnethe não é a presença pela qual Lisbet tem rezado durante todos esses anos. Eles estavam convencidos de que uma criança chegaria muito antes do final da penitência de Agnethe, talvez duas ou três, como acontecera com Ida, os pequenos rostos bem esfregados, as unhas minúsculas cheias de cera por andarem a aprender a arte das abelhas. Lisbet fecha os olhos perante tal imagem, deixando escapar um pequeno som, cada criança perdida um buraco no seu corpo e no seu coração. No espaço que ela reservou à mesa, sentar-se-á uma mulher adulta, lavada de um pecado que ninguém mencionará.

Henne soergue-se, com um gemido. Ela vê-o a esfregar os olhos na luz fraca e enviesada, a pele dele creme na escuridão.

— Dorme — diz-lhe ela, falando num tom mais duro do que o pretendido.

Ele afasta o lençol emaranhado nos tornozelos e levanta-se da cama, a forma dele assumindo maior consistência na escuridão. Ela sempre gostou da robustez dele, os ombros quadrados e firmes do trabalho na floresta, as cicatrizes das picadas de abelha nos pulsos, antes de elas o conhecerem e confiarem nele.

Continua a desejá-lo, ainda que, após cada gravidez fracassada, ele leve a cabo o dever dele com os olhos fechados. Agora, repara que ela o observa e vira-lhe as costas para se vestir.

Ela abre as portadas, enxotando a abelha de volta para o ar livre. As árvores cobrem tudo, estendendo-se aos limites da quinta árida deles, onde as raízes precisam de ser cortadas e limpas, numa luta interminável. Já se vislumbra luz acima das copas, arroxeadas como as estrias na barriga dela. A aurora entra-lhes pelo quarto adentro, embora nunca haja tempo para a ver chegar.

Ela sente um peso nos ombros: o braço de Henne, cobrindo-lhos com um xaile. É o máximo que ele lhe tem tocado nos últimos dias, semanas até. Afasta-se com a mesma rapidez. Ela desenvencilha-se do xaile, apanhando-o e pendurando-o nas costas de uma cadeira.

— Está demasiado calor.

Ele suspira. Tempos houve em que achara piada mesmo às lamúrias delas. Ria-se, chamava-lhe *schatzi*, querida. Não estava ela parada diante dessa mesma janela, recém-casada e a queixar-se do frio, na primeira vez em que ele pusera um bebé dentro dela? Se aí ficar mais tempo, talvez ele se recorde, talvez a abrace. Ela ouve-o a urinar no penico. O bebé mexe-se.

Ela espera até ele terminar para se virar, a barriga roçando na moldura da janela.

— Vou caminhar.

Ele agarra no penico.

— Vou contigo.

Ela abana a cabeça, já a pôr o seu vestido mais leve, fedorento de tanto uso. Sente a vibração familiar dentro de si, a vontade de ir para junto das suas abelhas e da sua árvore, ficar sozinha com os seus bebés antes de o dia começar.

— E se a Agnethe chegar entretanto?

Os ombros dele ficam tensos; ela ouve-o a suster a respiração. Está preocupado com o regresso da irmã. Nos primeiros tempos, talvez pudesse ter-lhe perguntado porquê. Agora, há um abismo

tão profundo entre eles que ela apenas se atreve a abordar o assunto pela rama.

— Ela só deve chegar daqui a várias horas. É perigoso descer a montanha antes do amanhecer, e a abadia fica a um dia de distância.

Ele já tem os tamancos calçados antes de ela conseguir forçar os dedos inchados dentro dos dela. Quando pressiona o inchaço do tornozelo, deixa uma marca, como se o corpo dela fosse feito de barro acabado de extrair do chão. Ele abre a porta e ambos atravessam a casa às escuras, em silêncio, saindo para o pátio.

Lisbet sente o ar a colar-se-lhe ao corpo como poeira, e segue Henne com relutância. Ele despeja o penico, trazendo consigo o resto do pão duro da cozinha. Quando passam pelo galinheiro, atira-o às galinhas.

Os cães estão deitados no centro do pátio de terra batida. *Fluh*, mais pequena, é jovem e destemida, e, sempre que vê Lisbet, ladra como se estivesse presa numa armadilha. *Ulf*, o cão de caça com o pelo eriçado, não a chateia tanto. Veio para ali em cachorro, pouco depois de ela própria ter chegado, e nunca salta para ela, nem lhe mordisca as saias.

Fluh raspa a terra à volta dela, enterrando-se cada vez mais, mas *Ulf* levanta-se e apressa-se a alcançá-los quando abrem o portão, passam pelos cones zumbidores das colmeias, com as abelhas acabadas de despertar, e entram na floresta.

O solo está inundado de sombras e Lisbet levanta os pés como se atravessasse água. As moscas circundam-lhe as orelhas, mas ela não suporta soltar o cabelo naquele calor húmido. Não se ouve um único som, à exceção das folhas secas a serem pisadas, caídas cedo das árvores, e a respiração já irregular dela.

Henne caminha um pouco mais à frente, virado ligeiramente de lado para caber no trilho estreito. Não pergunta em que direção deveriam ir: vai à frente e ela segue imediatamente atrás. A mão dele pende e ela questiona-se se ele se importaria que ela lha agarrasse. Mas depois ele baixa-a para a cabeça de *Ulf*, e ela pousa a sua na barriga.

Sobem até ao promontório, o mais parecido com uma paisagem nessa parte sulcada do mundo. Ela imagina-os calcados como sementes sob o polegar Dele, plantados irreparavelmente fundo, e acelera o passo, ultrapassando Henne. Nas manhãs menos embaçadas, quando o vento afasta o miasma que paira sobre Estrasburgo durante a maior parte dos dias, consegue-se vislumbrar cada nó do pináculo de Notre-Dame.

— Lisbet? — Henne está parado ao lado dela, a anca dele a tocar na sua. — Mais devagar.

Ela começa a dizer-lhe que está tudo bem, mas uma onda de vertigens desce-lhe pelas costas, ditosamente fresca.

— Cuidado... — Por fim, ele coloca a mão à volta da cintura dela. Ela encosta-se a ele até deixar de ver luzinhas e o trilho parar de saltar à sua frente. Ele continua a agarrá-la, e ela fecha os olhos. Um suspiro escapa-se-lhe dos lábios e ele solta-a como se ela tivesse dado um grito. Ela cambaleia e depois endireita-se. — Vá, vamos para casa.

Falta ainda mais de uma dúzia de passos até ao ponto mais alto. Nos primeiros anos de casamento, ela costumava subir até lá a correr e regressava antes de Sophey dar pela sua falta e se aperceber de que as tarefas estavam por fazer. Sente-se abrutalhada e tensa, lamenta não ter vindo sozinha, para se demorar à vontade e poder visitar a árvore. Mas o Sol já nasceu e Sophey provavelmente já acordou, a postos para a chegada de Agnethe. Lisbet deixa que Henne lidere o caminho de regresso à quinta, sem se queixar. Perto das colmeias, estende a mão, pousando-a no portão, mas ele dá-lhe um toque para que ela continue em frente.

— Eu trato disso.

— Elas precisam de água fresca...

— Eu sei — responde ele, com outro acesso de mau humor.

— As abelhas são minhas, Lisbet.

Não, não são tuas, pensa ela. E também não são minhas.

Henne já está a olhar para lá dela, para as tarefas que tem de levar a cabo, para o dia que o espera, tão concentrado que nem sequer repara na mulher parada no pátio de terra deles, até Lisbet lhe agarrar o braço. Agnethe ocupa de tal maneira a sua cabeça que ela confere à visitante maior altura, ombros mais largos e a boca e o queixo de Henne sobre as feições delicadas que agora esboçam um sorriso ao vê-los.

Mas depois avança na direção deles, a luz matinal refletida no cabelo dourado, um cesto seguro entre as mãos finas, e trata-se de Ida.

— Bom dia, *Frau Plater*.

— *Herr Wiler*. — Ida retribui o leve aceno de cabeça de Henne, mas os olhos dela estão fixos além dele, em Lisbet. Ninguém a olha tão diretamente como Ida, e essa é mais uma razão para ela a adorar. Henne continua a andar em direção ao pátio das colmeias. A infância que partilharam deveria criar alguma descontração entre ambos, mas, em vez disso, percebe-se alguma rigidez entre eles, um caroço num fruto maduro. Talvez seja o próprio Plater; o marido de Ida é tão odiado quanto Ida é adorada.

Ida beija as faces coradas de Lisbet, o hálito dela doce com um cheiro a hortelã-brava e os lábios macios e secos.

— Como é que te sentes esta manhã? — pergunta-lhe Ida, os olhos dela desenhando o habitual trajeto entre a barriga e o rosto de Lisbet.

— Sinto-me bem — responde Lisbet, e a ruga de preocupação entre as sobrancelhas de Ida desvanece-se. Tantos dias houve em que Lisbet apenas conseguia responder com lágrimas que agora encara cada dia de desconforto como uma espécie de triunfo.

— Ainda bem — diz Ida e encosta a mão milagrosamente fria à de Lisbet. — Vem ver o que te trouxe.

Conduz Lisbet ao monte de lenha que Henne empilhou e deixou a secar no pátio do fumeiro, e Lisbet senta-se com alívio, ao mesmo tempo que Ida se instala ao lado dela e pousa o cesto

entre ambas. Afasta o pano com um floreado, revelando uma saca cheia de farinha, branca como a neve acabada de cair.

— É um presente — diz-lhe Ida —, porque o centeio caiu-te mal.

— Não posso aceitar..

— Toca-lhe só — diz Ida, os olhos a brilhar de satisfação.

— Tenho as mãos sujas — replica Lisbet, apesar de, na verdade, as suas mãos, mesmo acabadas de esfregar, estarem sempre num estado lastimoso, cobertas de picadas de abelha e inchadas do calor. Ela não quer pô-las ao lado das de Ida, tão elegantes e de unhas limpas como um recém-nascido. Porém, Ida agarra-lhe nos dedos quentes e coloca uma mão-cheia de farinha na palma de Lisbet. É macia como pétalas, leve e fina como poeira.

— O meu pai moeu-a duas vezes, especialmente para ti — explica Ida.

Para sua vergonha, os olhos de Lisbet enchem-se de lágrimas, e ela engole o nó que lhe preenche a garganta.

— És uma tonta — diz-lhe Ida, rindo-se e limpando as faces de Lisbet. — Se bem te lembras, eu era igual, nos meses finais. Parecia uma nuvem de chuva. Tudo o que pudermos fazer para contribuir para o teu bem-estar é uma alegria para nós. E nem imagino como te sentes com este calor.

— Estou bem — responde Lisbet, num tom ríspido, devolvendo a farinha à saca e recorrendo à única coisa que tem para dizer quando a amiga lhe pergunta como está.

Lisbet tem o cuidado de não se queixar, caso Deus a ouça e decida levar-lhe este bebé também. É um dos vários acordos que estipulou consigo própria, equilibrando-os periclitantemente uns em cima dos outros, à semelhança do cesto pousado entre elas. Ida não tem tais apreensões: carregou cada filho no ventre sem uma única dor, ou perda de sangue, pelo que tenta o destino e o Diabo sem hesitações. Porém, ela não é Lisbet, que vive com a confirmação clara da sua própria maldição, a ladainha aprendida de cor: cometa, *mutti*, bebés. Tanta desgraça. Tanto sangue.

— Claro que estás — responde-lhe Ida, despertando Lisbet do acesso de autocomiseração. — Tens de a usar com a tua água mais fresca, e olha... o meu pai mandou-te um pouco de sal.

— É demasiado.

— Nada é demais para ti, Bet, para esse bebé. Ele chegará a este mundo saudável e muito em breve.

Lisbet morde o interior das bochechas com força. Detesta quando Ida diz essas coisas. Ela não tem a certeza disso — somente Deus o sabe.

— E não te esqueças de que o pão é só para ti — continua Ida. — Não é para o Henne nem para a Sophey.

— Ou para a Agnethe — responde-lhe Lisbet. — Não vai ser fácil escondê-lo de tanta gente.

Os nós dos dedos das mãos de Ida, pousadas no cesto, ficam brancos.

— Ela chega hoje? — pergunta num tom descontraído, embora Lisbet saiba que ela sabe a resposta.

— Esta tarde — diz Lisbet. — Era essa a tua ideia ao vires tão cedo? Querias vê-la?

— Claro que não — responde Ida, exibindo um rubor que lhe assenta bem. — Sabes que não somos amigos.

— Eu não sei nada, pois não me contas coisa nenhuma.

— Não há nada para contar.

— É assim tão terrível? — pergunta Lisbet. Sabe que está a ser insistente, mas não se importa. É a sua última oportunidade para saber coisas sobre Agnethe antes de esta chegar. — O que fez ela?

— Já te disse centenas de vezes — replica Ida, agora recomposta, as mãos descontraídas sobre o cesto, as faces outra vez pálidas. — Não sei nada sobre o pecado cometido pela Ne... pela Agnethe. Seja como for, já está perdoado. Uma penitência de sete anos... Já está novamente livre de culpas. Não lho deves perguntar.

Lisbet suspira e remexe-se no lugar. Não quer discutir com Ida, não com o presente dela pousado ao seu lado e o sol a aquecer

a lenha debaixo delas, com a mesma rapidez com que lhe aquece o sobrolho.

— Obrigada — diz. — Por favor, agradece por mim ao Mathias e ao *Herr* Plater.

Ida resfolega.

— Achas que o meu marido teve alguma coisa que ver com isto? As obrigações dele mantêm-no em Estrasburgo quase todas as semanas.

Ida não lamenta esse facto, e Lisbet não a critica por isso. Após a última revolta, Plater foi nomeado agente do conselho, responsável pelas vertentes mais duras das atividades dos Vinte e Um na cidade e arredores. Lisbet e Ida viram, com os próprios olhos, as portas partidas nos bairros degradados, enquanto andavam a fazer a volta das esmolos, e a prisão junto ao rio foi ampliada para o dobro. Lisbet não é a única a notar o prazer que Plater tira do seu trabalho sombrio.

— Por falar nisso — diz Ida —, ele virá visitar-vos hoje.

— O Plater?

— Sim — responde Ida. — Ele disse ao meu pai que viria.

— Quando?

— Esta tarde.

— Talvez queira ver a penitente.

Algo muda na expressão de Ida.

— Ela que não se achesse no caminho dele.

— Como assim?

— Diz ao Heinrich, está bem? Para contar com a visita dele.

— Claro que sim — responde-lhe Lisbet. Quando Ida se fecha desta maneira, mais parece uma caixa trancada. Não há como a dissuadir. Antes que a amiga se ponha de pé, Lisbet agarra-lhe a mão, tal como Ida lhe fizera antes. — Sabes que podes falar comigo, sobre o que for...

— Está tudo com um ar muito tranquilo.

A mão de Ida fecha-se de imediato sobre a de Lisbet. Elas viram-se, os olhos semicerrados por causa da luz. Com um contorno

luminoso, o corpo estreito de Sophey Wiler surge cortado em vários ângulos, quase lhe desaparecendo na cintura, no sítio onde as mãos dela estão pousadas nas ancas. O sobrolho franzido divide-lhe o rosto em dois, qual cicatriz.

— *Frau Wiler* — diz Ida, levantando-se de um salto. — Como está?

— Muito ocupada — responde Sophey. — O que fazes aqui tão cedo?

— Veio trazer-me um presente — explica Lisbet, sem conseguir levantar-se da pilha de lenha baixa. Só então se recorda das instruções de Ida para não partilhar a farinha de boa qualidade, mas Sophey já está a estender a mão nodosa para o cesto. Ida passa-lho num gesto resignado e Sophey cheira o conteúdo.

— Os teus filhos não estarão a precisar da mãe?

— Ia-me agora mesmo embora — responde Ida. Encolhe-se de medo de Sophey, como toda a gente; ninguém é imune à energia dela. Sophey dá meia-volta, sem dizer uma palavra, e avança a passos largos para a cozinha.

— Ela é sempre tão mal-educada contigo — comenta Lisbet.

— É mal-educada com toda a gente — replica Ida, com um encolher de ombros. — E hoje é um dia de muita ansiedade. Até a Sophey Wiler deve estar nervosa por receber a filha que regressa a casa.

— Sim, talvez.

Com cuidado, ela ajuda Lisbet a levantar-se, beija-a novamente na face e dá-lhe uma palmadinha na barriga.

— Cresce bem.

— Fica bem — diz-lhe Lisbet em resposta, e fica a ver a amiga de ombros estreitos a atravessar rapidamente o pátio. Mais à frente, avista Henne no colmeal, deslocando-se de colmeia em colmeia com um tabuleiro fumegante na mão, como se fosse o incensório de um padre. Ele está demasiado longe para ela sentir o cheiro a rosmaninho, mas, seja como for, Lisbet carrega esse odor com ela, na roupa e no cabelo. A pontada que sente no peito

é física, como se a sua saude fosse um fio a ser puxado entre ela e as colmeias. A sua afinidade para com as abelhas é preternatural, e, quando está a levar a cabo as várias tarefas, sente-se reorganizada, como estrelas que caem em constelações de sorte. Até Sophey o vê, ainda que jamais o admitisse.

A primeira vez que Lisbet viu a quinta, achou-a pitoresca, com as três estruturas sólidas formando um quadrado com uma das faces aberta e virada para as colmeias e para a floresta que se estendia mais além. Imaginou crianças a brincarem no chão de terra batida do pátio arranjado, agarradas às saias dela. Rodeada de barulho, lágrimas e risos: os sons maravilhosos da vida e das necessidades.

Desde que visitou as esmolarias que sabe que eles vivem no que por aqui é considerado grande conforto. Abelhas, uma cozinha e ainda três quartos. Todavia, a quinta parece-lhe ao mesmo tempo vazia e cheia de gente, e, ainda que sob o brilho intenso do sol, algo sombria. Oprimente. Apenas as abelhas e a árvore dela lhe dão alegria: uma proporcionada por Henne, a outra uma prenda dela para si mesma.

— Lisbet! — A voz de Sophey é uma ordem e uma intimação. Lisbet suspira e vira as costas às abelhas e ao pátio vazio, entrando em casa.

Dois

Parada com a vassoura de cerda na mão, Sophey parece um profeta com um bastão. Estende-a na direção de Lisbet.
— O quarto precisa de ser varrido.

Não há necessidade de perguntar a qual se refere. Há o quarto de Henne, o quarto de Sophey, a cozinha e o quarto. O quarto de Agnethe. Tem estado fechado, qual tumba, e, nos cinco anos desde que Lisbet ali vive, viu a porta aberta somente duas vezes. Uma vez para libertar um melro que entrara pelas portadas e que parecia decidido a partir o pescoço, e outra quando Plater viera cobrar o imposto sobre as portas e as janelas, contando-as tão lentamente que ela se perguntara se ele seria pago ao minuto. Não é que se eles possam dar-se ao luxo de prescindir do espaço, mas há um acordo implícito de que o quarto de Agnethe deverá ser ignorado, como se a porta fosse uma parede, completamente lisa até que a residente regresse das montanhas.

Lisbet agarra na vassoura, hesitante.

— Vou ver dos pães — diz-lhe Sophey, dando meia-volta.
— Não te esqueças de sacudir os lençóis.

Parada na entrada, sentindo o cheiro a bafio e vendo as partículas de poeira a rodopiar nos intervalos das portadas, Lisbet tem a sensação de que Agnethe deixou o quarto nesse momento.

Os lençóis estão amarrotados, a almofada tem a marca da cabeça, o banco no canto da divisão não está direito, como se tivesse sido ligeiramente empurrado para o lado quando a ocupante se levantou. Ao lado, uma bacia larga semelhante à que Sophey lhe dava para ir às compras ao mercado, nos primeiros meses após a chegada de Lisbet. Talvez esteja tudo manchado pelo pecado de Agnethe e todos os objetos dela devam cumprir a penitência de sete anos antes de poderem ser retirados do local e lavados.

A bacia ostenta uma fina camada de pó, a água há muito que se evaporou. Mas, quando Lisbet a levanta, tem a sensação de captar um odor fantasma adocicado e a ervas, como o hálito de Ida. Ao lado da bacia, há um pente feito de osso, ainda coberto de cabelos louros compridos, brilhantes e quebradiços. Lisbet limpa a bacia e torna a pousá-la no sítio, retira os cabelos do pente e abre as portadas para atirar o tufo para a rua. O quarto deles tem a mesma vista que o de Agnethe: o ponto onde nasce o Sol, árvores. Inundado de luz, o quarto perde o aspeto de abandono negligente e transforma-se em algo mais sentimental.

Lisbet afasta os lençóis para trás, os dedos ficando cobertos de pó, e varre o chão, encontrando pequenas e macias penas de melro e carapaças de caracol vazias, os rastros reluzentes polidos pelo calor seco. Limpa-os e guarda as penas no bolso. Vira a almofada ao contrário, para que a marca da cabeça fique escondida, e, ao fazê-lo, algo se mexe e dobra dentro do tecido. Ela examina as costuras da fronha, mas estão fechadas com pontos demasiado pequenos, do género que nem Sophey, nem ela agora conseguiriam fazer, com os dedos tão inchados.

Ouve Sophey e Henne a falarem na cozinha. Encosta a unha à linha para a tentar puxar, mas o ponto está muito enfiado no tecido. Dá um pequeno puxão e depois faz mais força, e a linha macia cede. Lisbet enfia o dedo, vasculhando a palha até sentir algo áspero preso com algo macio. Puxa-o para fora e, sobre os lençóis, cai um anel de cabelo louro, entrançado com uma fita de seda natural.

Lisbet coloca-o na palma da mão, o sol traçando-lhe sombra e luz. Quase não tem peso, e é tão áspero como os fios de cabelo que ela retirou do pente. Mas, embora a cor seja a mesma desse tufo, e até do cabelo de Henne, Lisbet tem quase a certeza de que o anel de cabelo não pertence a nenhum dos irmãos Wiler. A maneira como está preso, guardado, escondido: tudo isso é ternura e ilegitimidade, como as fitas que Lisbet pendurou na árvore da dança.

— Lisbet?

Ela sobressalta-se, quase deixando cair a lembrança, pelo que a esconde com cuidado nas saias, ao mesmo tempo que se vira para Henne, encostado à ombreira da porta, parecendo segurá-la juntamente com a porta.

— Tenho fome — diz ele, a voz distorcida por um bocejo. Tem bons dentes, robustos e alinhados como lápides num cemitério. Lisbet leva a língua às falhas nas suas gengivas, dez buracos negros. Por cada bebé perdido, um molar soltara-se-lhe e fora arrancado pelo empírico.

— Vou já — responde ela, e depois fica a ouvir os passos pesados dele, o raspar sussurrado do banco nos juncos velhos. Com a pressa, escondera a lembrança em desalinho e agora endireita-a o melhor que consegue, antes de a voltar a enfiar no sítio, para que Agnethe a encontre tal como a deixou.

A penitente de regresso a casa chega no início da tarde. É alta como o irmão, alta como o cavalo curvado que a carrega, desde o raiar do dia, da abadia, no cume do Mont Sainte-Odile, uma distância apenas três vezes mais longínqua do que entre a quinta deles e Estrasburgo, mas com uma fama e notoriedade tais que Lisbet tem a sensação de estar na presença de um ser de outro mundo.

A aparência física de Agnethe Wiler pouco faz para atenuar essa fantasia. Além da sua altura, que ela exhibe com à-vontade, há a questão da cabeça dela, pálida e completamente careca como

uma cebola descascada, coberta de imensos cortes e cicatrizes de tanto ser rapada, uma auréola de pele bronzeada antiga dando lugar a um rosado mais recente. Inclusivamente, o colarinho grosseiro da túnica que enverga revela uma mancha vermelha recente. As mãos dela, quando desmonta do cavalo e as cruza à sua frente, cabisbaixa diante da mãe, estão igualmente repletas de cicatrizes, e o rosto dela, agora erguido para o Sol pelos dedos nodosos de Sophey, está cavado sob as maçãs do rosto, como se tivesse sido desbastado.

E, no entanto, continua bonita, Lisbet tem de o admitir. As feições de Henne nela são menos grosseiras, e mesmo os olhos, com as pestanas arrancadas, as pálpebras rosadas e cheias de crostas, exibem um azul ainda mais intenso, como pérolas dispostas sobre a carne roliça de uma ostra. Com o cabelo tão louro e comprido como o de Ida, talvez igualasse a beleza dela. Assim como está, destaca-se sobremaneira, a mulher mais estranha que Lisbet alguma vez viu.

— Tens fome? — pergunta-lhe Sophey, em jeito de cumprimento a uma filha que não vê há mais de meia década. Agnethe assente com a cabeça, a súplica em cada gesto dela, embora, aos olhos de Lisbet, não pareça submissa. Na verdade, irradia força, ainda que a tente suprimir.

Não há nada oculto que não venha a ser conhecido.

Era uma das passagens favoritas de Geiler, papagueada por Sophey e lançada qual seta a Lisbet sempre que uma galinha é levada por uma raposa, ou quando o gato da quinta teve um ataque e morreu nos braços de Lisbet. Todavia, ao olhar para Agnethe, Lisbet percebe-lhe um novo significado: não se trata de uma acusação, mas de uma declaração de intenção.

Sophey dá meia-volta sem mais uma palavra e entra em casa. Henne dá um passo em frente e abraça a irmã por breves instantes, batendo com o maxilar na face côncava dela, antes de pegar nas rédeas do cavalo exausto e de o levar para a sombra do galinheiro, perto da longa gamela onde a velha mula se encontra

a beber água. Lisbet e Agnethe ficam a vê-lo a afastar-se, sem que nenhuma delas esteja disposta a quebrar a membrana do silêncio que se instalou entre ambas. Lisbet calcula que a mula acabará por ser abatida, agora que o cavalo regressou à quinta. O velho animal tem os joelhos inchados e feridas no dorso que se recusam a sarar, por muito que Lisbet as unte com mel.

Olha de relance para a cunhada. Os olhos dela são ainda mais impressionantes vistos de perto, e o olhar dela é límpido e direto. A língua de Lisbet seca-se-lhe na boca.

— Olá, irmã — diz-lhe Agnethe, e a voz dela soa baixo e rouca, por falta de uso. — Espero que te encontres bem.

Lisbet assente com a cabeça, sabe que deveria retribuir o cumprimento, mas sente-se impotente perante a cabeça nua e cheia de cicatrizes de Agnethe, as maçãs do rosto salientes, e então Henne surge entre ambas e elas seguem-no até ao interior da casa.

Há ovos fumegantes sobre a mesa de madeira esfregada, com as cascas sarapintadas. O estômago de Lisbet dá um ronco assim que os vê e também ao sentir o cheiro do pão levedado ao sol e feito por Sophey nessa manhã com o presente de Ida. Henne assume o lugar dele à mesa e Lisbet senta-se no banco comprido, agradecida, ocorrendo-lhe, então, que agora este deverá ser partilhado por duas pessoas.

Desliza para o lado, a saia prendendo-se nas lascas levantadas pelo caçador de ratos malhado da casa, que morreu há muito. Liberta-a com um puxão e Agnethe senta-se cuidadosamente ao seu lado, as costas direitas como uma vara. A barriga de Lisbet obriga a um espaço de cerca de 30 centímetros entre ela e a mesa, mas Agnethe não parece importar-se com isso, curvando o pescoço comprido e musculado para rezar. Lisbet repara em cicatrizes mais antigas e profundas, que desaparecem pelas costas da bata adentro, emergindo da coluna dela como asas cortadas. Henne tosse, Lisbet apressa-se a unir as mãos e Sophey condu-los até ao *Ámem*.

Assim que cada um recebe a respetiva porção de pão e ovos, Lisbet tem de tentar acompanhar o ritmo de Sophey. Seria capaz de comer o dobro, o triplo até da sua porção, seria capaz de comer o prato a abarrotar de Henne, mas o prazer sinistro de Sophey pela avidez dela por comida fá-la abrandar. Parte o pão estaladiço em pedaços, para limitar o consumo. Ao seu lado, Agnethe pega no ovo ainda a fumegar, segura-o como se estivesse frio como uma pedra do rio e descasca-o, com cuidado na parte da membrana, o ovo emergindo inteiro e perfeito. Lisbet sabe que deve doer-lhe, vê as pontas dos seus dedos pálidos a escurecerem.

— Isso é um truque novo — comenta Sophey. — Nunca foste assim tão delicada. Ensinaaram-te a descascar ovos na montanha, foi?

Agnethe esboça um ligeiro sorriso, os olhos fixos na tarefa, embora Lisbet a veja a enfiar um pedaço irregular de casca de ovo debaixo da unha.

Sophey resfolega.

— E pelos vistos também te ensinaram o silêncio. Tempos houve em que ela nunca se calava.

Agnethe pressiona a unha no tampo da mesa e Lisbet vê-a a encher-se de sangue, mas a expressão no rosto dela permanece inalterada.

— Pois, enfim — diz Sophey para o silêncio. — Enfim.

Então, parte o seu próprio ovo, e Lisbet imita-a pouco depois, deparando-se com a gema meio farinhenta e pálida. É uma sorte as galinhas deles terem ovos para dar — as oferendas delas são cada vez menos abundantes. Recorda o pedaço de sal que Ida lhe trouxe, mas Sophey guardou-o juntamente com o dinheiro deles e a seda que em tempos reservara para o dote de Agnethe e que agora se destinava a um propósito desconhecido.

Os gestos de Agnethe são hesitantes ao partir o pão. Enfia-o rapidamente na boca, como se lho pudessem roubar. Lisbet ouve um leve ronco de prazer a emanar da longa garganta de Agnethe. Enfia um pedaço de pão na boca. Sabe tão bem como cheira.

— Esta farinha é mais fina do que o habitual — comenta Henne. — É em honra do regresso da Agnethe?

— Foi um presente — diz Lisbet. — Da Ida.

Um som de engasgamento ao seu lado. Lisbet vira-se e vê Agnethe a levar a mão à boca, ao mesmo tempo que se afasta bruscamente da mesa, quase fazendo tombar o banco comprido e Lisbet com ele.

— Nethe — diz Sophey, em jeito de aviso. Agnethe baixa a mão e, com todos os olhos postos nela, mastiga deliberadamente até o pedaço de pão ficar em papa, e, por fim, com grande esforço, engole-o.

Sophey assente com a cabeça, aparentemente satisfeita. O coração de Lisbet bate com uma rapidez absurda, como se fosse ela que o olhar severo de Sophey parecera fixar ao banco.

Continuam a comer em silêncio. Henne exhibe uma expressão vazia propositada, mas Lisbet conhece-o o suficiente para reconhecer tensão nos ombros ligeiramente encolhidos dele. Ela esqueceu a sua decisão de comer devagar e o seu prato está meio vazio antes de Agnethe empurrar o dela para o lado.

— Na abadia, deixavam-te desperdiçar comida? — pergunta Sophey num tom ríspido, mas Agnethe não revela sinais de a ter ouvido, além de levar o ovo à boca e de lhe dar pequenas dentadas. Quando Sophey volta a atenção para a sua própria refeição, Agnethe agarra no que resta do pão e, num abrir e fechar de olhos, pousa-o no colo, longe da vista da mãe. Então, noutra abrir e fechar de olhos, estende-o na direção de Lisbet, que aceita a crosta ainda fumegante com gratidão.

Roça o joelho no de Agnethe em sinal de agradecimento, as duas aliadas. Sente a perna de Agnethe fria e firme como mármore, mas depois ela afasta-a, pondo fim ao contacto com a mesma rapidez com que Lisbet o iniciou.

Ela põe-se de pé para levantar a mesa e Lisbet imita-a, pegando no prato de Henne e levando-o até à porta para deitar as migalhas para a rua. Empurra-a com o cotovelo e esta não

cede. Empurra com mais força e, então, ouve-se uma exclamação do outro lado.

O obstáculo é removido de repente e Lisbet desequilibra-se. Prepara-se para o tombo, já resignada com a dor, o sangue, o desmanchar da barriga, mais uma fita na árvore, ao mesmo tempo que se apercebe do som de lenha a cair e do homem — pois a exclamação proveio de um homem — a desviar-se para evitar ser esmagado pelo volume dela, e depois dedos esguios e frios, com a robustez de um arame, agarram-na pela axila e à volta das costelas, arrancando-lhe um arquejo chocado da garganta.

Agnethe levanta-a e recua com ela, puxando o banco para si com o tornozelo e sentando Lisbet com cuidado. A respiração dela soa ofegante, e, antes de retirar a mão, endireita as saias de Lisbet, que, entretanto, se levantaram, expondo-lhe a zona mais escura da barriga da perna. Aconteceu tudo no espaço de poucos segundos, o prato que Agnethe largou rapidamente para agarrar Lisbet ainda a rodar no chão com estrépito.

— Que bela receção esta.

Uma bota pesada e de costuras perfeitas trava o prato com um baque definitivo. Lisbet reconhece-o pela voz, pelas botas robustas de solas grossas e pele de vitela macia, enviadas dos confins do Império, e pelo cheiro: ao couro do colete, usado mesmo nos dias de maior calor e gravado com o brasão usado por todos os que estavam ao serviço dos Vinte e Um, a fumo do cachimbo dele e a suor. Às vezes, sente esse mesmo odor em Ida, embora saiba que a amiga se lava com uma diligência fanática sempre que se deitam juntos, como se pudesse esfregar esse suplício da sua pele.

Henne levanta-se da mesa.

— Plater.

Lisbet morde o interior da bochecha; esquecer-se de avisar o marido sobre esta visita.

— Wiler — responde-lhe Plater. As botas fazem-no mais alto, ficando à altura de Henne e de Agnethe, ainda que menos

encorpado do que qualquer um deles, com uma boca bonita e quase feminina e o cabelo grosso cor de cobre. É um cabelo bonito, que, à filha dele, confere um encanto hipnotizante, do tipo que leva desconhecidos a pará-la na rua, mas que, no caso de Plater, lhe acrescenta um brilho pouco natural e quase diabólico. — *Frau Wiler* — diz ele, acenando com a cabeça na direção de Sophey —, *Frau Wiler* — para Lisbet, que baixa os olhos para o chão, sentindo o habitual ódio, em parte herdado de Ida e em parte desenvolvido por si mesma. A divisão ficou mais pequena com a chegada dele. — E... — Ele demora-se na pausa e de repente Lisbet repara em quão imóvel está Agnethe, fazendo lembrar uma lebre diante de uma raposa. Nem sequer está a tremer, mas encontra-se perto de Lisbet o suficiente para ela a ouvir a suster a respiração quando Plater vira os olhos verdes na direção dela, ao mesmo tempo que entra na divisão. — *Fräulein Wiler*, regressada das montanhas.

Um som ligeiro provém de Agnethe, tão baixo que somente Lisbet o ouve, e, mais uma vez, vem-lhe à mente a imagem de uma lebre, o exalar súbito quando as mandíbulas se fecham com força.

— Ela perdeu a prática da fala — responde Sophey. Talvez seja em defesa da filha, mas o lado menos caridoso de Lisbet diz-lhe que é mais em deferência para com o fiscal do conselho. Sophey, tal como dissera Ida, é mal-educada com toda a gente, mas a autoridade (e a única autoridade que ela reconhece acima de si própria é Deus e, conseqüentemente, a Igreja e os Vinte e Um) torna-a o mais parecido com submissa que uma mulher de ferro como ela pode ser.

— Claro — responde Plater. A atenção dele está tão focada em Agnethe que Lisbet quase espera vê-la cair de joelhos. Há algo de repugnante no olhar dele. Lisbet chamar-lhe-ia lascivo, caso não fosse misturado com desdém. Os olhos dele perscrutam a cabeça cheia de cicatrizes de Agnethe, as clavículas, as mãos, os punhos cerrados junto ao corpo. O efeito dele é quase sobrenatural, parece

brilhar de ameaça. A ideia incompreensível de Ida ser casada com um homem assim atinge-a como que pela primeira vez. — Está quase curada?

— Quase? — diz Lisbet, de repente despertando do seu silêncio. — Já se passaram sete anos.

— Ela terá de rezar na catedral — declara Plater. — Foi uma das condições originais; uma suplicação final na cidade natal dela.

Agnethe assente com a cabeça, num gesto tenso.

— Não me esqueci — diz ela, a voz afetada.

— Afinal, a coisa fala! — exclama Plater. — Portanto, os padres podem contar com a sua presença em breve?

— Amanhã — responde Agnethe.

— Fica descansado que ela irá completar a penitência — intervéem Henne, algo irritado. — Conhecemos a lei, teríamos garantido que isso aconteceria.

— O que ele quer dizer é que não precisava de se ter dado ao trabalho de nos vir visitar pessoalmente — replica Sophey, lançando um olhar zangado na direção do filho.

— Não é por isso que estou aqui — diz Plater, com um ar de exagerada surpresa, como que para insinuar que Agnethe é tão insignificante aos olhos dele que é como se fosse invisível, como se ele não a estivesse a fitar, qual presa, desde que chegara. — Uma caneca de cerveja, se não se importa, *Fräulein Wiler*.

— Então, porque é que estás aqui? — pergunta-lhe Henne, e Sophey emite um sibilo, em jeito de aviso. Henne trata Plater como o rapaz com quem andou a brincar na rua em criança, e não como deveria: o homem que fala com a autoridade dos Vinte e Um. Henne recusa-se a esquecer que Plater é filho de um trabalhador, diferente dos outros apenas pela sua prontidão para sujar as mãos em troca de água perfumada com que depois as possa lavar.

— Por causa de uma carta, *Herr Wiler* — responde Plater, retirando-a, selada, do bolso do peito. Lisbet repara que o papel está mole, manchado com a transpiração dele. — Falamos lá fora?

— Esta quinta é da minha mãe — diz Henne. — Se ela quiser ouvir, tem esse direito.

— Queres que ta leia?

— Andei na escola tal como tu — replica Henne, contornando a mesa, tirando-lhe a missiva das mãos e arrancando o selo com a pressa. Lisbet espreita a caligrafia, embora, como é óbvio, não consiga ler além do nome dele, Heinrich Wiler, escrito no topo da carta numa letra elegante e inclinada, mas reconhece a cera deles no selo, sem misturas e com a cor natural: o dourado mais rico e puro. É sempre com orgulho que vê os produtos deles a uso na missa, ou pelos próprios Vinte e Um. Sebastian Brant, o síndico da cidade, encomenda-a especialmente. É uma grande honra, embora Lisbet perceba, no ar de indignação de Henne, que a carta não traz boas notícias.

— Trata-se de uma notificação, aliás — afirma Plater, quase sem disfarçar o prazer que sente pela consternação deles. Aceita a caneca de cerveja que Agnethe lhe estende sem um agradecimento e ela apressa-se a retirar a mão.

— Para irmos a tribunal? — pergunta Sophey, confusa.

— A Heidelberg — responde-lhe Henne. — Para defendermos o direito à nossa terra.

Heidelberg. É uma espécie de tribunal, onde a Igreja tem assento papal e várias universidades. Fica a vários dias de viagem a cavalo e não é um lugar onde alguma vez tenham tido necessidade de ir.

— Para responder às alegações de que as vossas abelhas roubam da terra, que só a Deus pertence.

— Todos nós pertencemos a Deus — replica Henne, e Lisbet pousa uma mão delicadamente na cintura tensa dele. — Qual é o fundamento para esta alegação?

Plater faz sinal em redor, entornando cerveja no chão, para as colmeias ordenadas e vedadas que se estendiam do pátio à floresta, para o barracão e o galinheiro, para a casa tornada ainda mais degradada pelas atenções dele.

— Onde é que estão as vossas flores silvestres, *Herr Wiler*? Onde está o néctar que alimenta as vossas abelhas, que adoça a vossa cera?

— Na floresta — responde Henne —, como sempre estiveram. Temos autorizações, assim como outras pessoas têm autorização para pastarem o gado delas nos campos...

— Tens ido à floresta ultimamente? Talvez não tenhas reparado, mas este ano o verão está a ser implacável. — Lisbet aperta ligeiramente a cintura de Henne. — Nas zonas mais agrestes, as flores murcham ou nem sequer brotam. E, a leste, no mosteiro, há duas dúzias de acres de centáureas-azuis e de papoilas que são regadas todos os dias.

Então, Lisbet compreende, tão claramente como se ela própria tivesse lido a carta. Trata-se da alegação antiga, feita mais ou menos a cada dois anos, de que tudo, desde as abelhas deles ao mel, é roubado aos monges de Altorf. Aliás, os próprios monges são ladrões, desviando o rio para que os campos deles escapem à seca e privando, assim, todos os campos a jusante.

— Isso ficou resolvido — diz Henne. — A minha mulher justificou as colmeias adicionais. Ela própria trouxe as abelhas da floresta para as nossas colmeias.

— Não se trata das abelhas — responde Plater. — Tens a certeza de que não queres que ta leia?

Lisbet aperta a cintura de Henne ainda com mais força, mas ele afasta-se dela.

— Eu compreendo perfeitamente. Mas não há redes ou vedação que possam conter tais criaturas. São as minhas abelhas que vão buscar onde podem, que fazem o que nós colhemos, e são as minhas mãos que prensam a cera, não as dos monges.

— E eles alegam que a produção só é possível graças ao papel deles nisso tudo — diz-lhe Plater. — Como tal, deverão ir a Heidelberg assinar um contrato a admiti-lo.

— Não farei tal coisa.

— Poderão fazer o pedido a Heidelberg — continua Plater, numa voz entediada, agora que se tornou evidente que Henne se controlou e não ameaçará com violência. — Mas não me parece que sejam bem-sucedidos. Acho melhor prepararem-se para que uma parte das vossas colmeias vá para o mosteiro.

— Mas elas são nossas! — exclama Lisbet, sem conseguir evitar essa explosão de palavras. O pânico tolda-lhe a visão.

— Pertencem a Deus — replica friamente Plater. — Tal como o seu marido referiu. E Deus tem mais consideração pelo mosteiro do que por qualquer quinta. Heidelberg servirá para vos lembrar isso mesmo.

— Estás de peito tão inchado — diz-lhe Henne — que é de admirar que consigas passar nas portas.

— Heinrich — ralha Sophey, chocada. O esgar de Plater não esmorece, mas algo obscuro surge por detrás do olhar dele.

— Sempre foste convencido, Heinrich Wiler — replica ele com calma, uma flecha puxada atrás no arco. — Talvez te tenhas esquecido com quem estás a falar? E talvez te tenhas esquecido do sítio onde estás, numa terra emprestada, com abelhas roubadas, uma mulher infértil e uma pecadora como irmã; ou seja, estás numa posição muito delicada. E isto — ele aproxima-se e dá uma pancadinha na carta, que agora vibra no punho cerrado de Henne — irá recordar-te qual é a tua posição na vida.

Uma mulher infértil. Uma pecadora como irmã. O pânico inicial de Lisbet dá lugar ao ódio. Ela quer que o marido expulse aquele homem porta fora, que lhe pise o sorriso dengoso até ele cuspir dentes para o chão de terra. Ela própria o faria, até o matar. Porém, Henne não a defende, nem a Agnethe, e a boca de Lisbet enche-se de amargo.

— O meu pai comprou esta terra, e eu trabalho as abelhas. Tu e o teu conselho não têm quaisquer pretensões aqui — diz Henne.

— Leva as tuas queixas a Heidelberg.

— Assim farei.

— Não, não farás! — grita-lhe Sophey, e Plater resfolega.

— Diz-me se for esse o teu plano e enviarei recado para que contem com a tua presença. Tens um dia para tomar a decisão. Não vou fazer os Vinte e Um esperarem mais do que isso. O Brant tem um interesse pessoal neste assunto.

Larga a caneca vazia na mesa e retira-se tão abruptamente como chegou. Num gesto reflexo, Agnethe endireita-a e Henne bate com a porta atrás dele.

— Henne — diz Sophey, numa voz frágil —, o que devemos fazer?

Todavia, Henne limita-se a ir buscar o saco dele ao cabide e sai porta fora. Sophey vai atrás dele, deixando Agnethe e Lisbet num silêncio atordoado.

Agnethe deixa-se cair ao lado de Lisbet no banco. O corpo dela treme, e Lisbet questiona-se sobre por que razão ela terá tanto medo de Plater. Será que também ela adora as abelhas, tal como Lisbet, que sente a ameaça a elas como uma ameaça a si própria, à sua própria felicidade? Esse pensamento causa-lhe alguma apreensão, uma possessividade que ela recorda a si mesma que não tem o direito de sentir.

Então, espreita o rosto de Agnethe, os traços direitos do maxilar dela, e não é medo que vê. Em vez disso, os olhos dela brilham de raiva. Ocorre a Lisbet que talvez se tenha enganado — que talvez Agnethe não seja a lebre, mas a raposa.

Situada numa era de superstição, histeria e mudanças extraordinárias, e inspirada em factos reais ocorridos durante um verão maldito, *A Árvore da Dança* é uma história apaixonante sobre segredos de família, amor proibido e mulheres levadas ao limite.

Estrasburgo, 1518

Sob o sol escaldante de verão, uma mulher começa a dançar na praça da cidade. Dança durante dias, sem um momento de descanso, sem pausas, e a ela se juntam outras centenas. As autoridades declaram o estado de emergência. Chamam-se músicos para que toquem e para que, pela dança, o Diabo saia do corpo dessas mulheres.

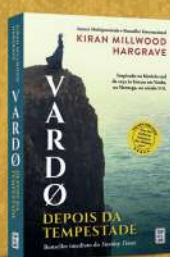
Nas imediações da cidade, Lisbet, grávida, vive com o marido e a sogra, cuidando das abelhas que lhes dão sustento. No momento em que a dança ganha mais força, Nethe, a sua cunhada, regressa de uma pena de sete anos nas montanhas por um crime sobre o qual ninguém se atreve a pronunciar-se.

Lisbet, porém, está determinada a saber o que se esconde nesse segredo. E enquanto a cidade treme sob a força de milhares de pés que marcam um ritmo imparável, acaba por ver-se enredada numa teia de mentiras e paixões clandestinas, a dançar ao som de uma música perigosa...

«Um romance intrigante e assombroso, pulsante de uma emoção crua e bela.»




Jennifer Saint, autora de *Ariadne*

Da mesma
autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Traduzida

 penguinlivros.pt
  topseller.editora

ISBN 9789896237851



9 789896 237851 >